

Faz certamente parte da genealogia da assiriologia, essa disciplina científica que terá o seu nascimento oficial no séc. XIX, o século do orientalismo científico.

A sua preparação cultural é evidente ao longo dos *Comentarios*, manifestando um profundo conhecimento dos autores clássicos mais lidos na sua época, os quais vai evocando a par e passo, à medida que a observação e a análise o vão justificando. São os historiadores e os geógrafos da antiguidade, alguns deles os biógrafos de Alexandre. As narrativas biográficas do rei macedónico tinham, muitas delas, a Pérsia e a Mesopotâmia como cenários. A observação do concreto, isto é, as ruínas, os vestígios da antiguidade, é quase obsessivamente confrontada com a citação e o comentário das fontes clássicas e bíblicas. Essas fontes são usadas pelo diplomata como uma autoridade, invocada na sua argumentação.

Os dois universos literários, culturais e referenciais, que consistem nos horizontes clássico e bíblico, são conciliados na perspectiva de García de Silva y Figueroa. Mesmo quando se apresentam divergentes, o embaixador encontra uma argumentação lógica que os concilia. Esses universos referenciais revelam-se essenciais na abordagem experiencial do concreto e da realidade que vai contactando, a qual, até ali, lhe era conhecida apenas através do legado cultural que o forma.

Uma das questões decisivas na nossa leitura dos *Comentarios* é a de saber que peso tem a antiguidade em García de Silva y Figueroa e qual a sua função na mundivisão do autor. Faz o elogio da antiguidade: da sua técnica, através das longas e pormenorizadas descrições da escultura e da arquitectura, da sua estética e da sua memória, revisitando, através das suas narrativas, vários episódios emblemáticos do passado. A compreensão e a descrição da antiguidade e a observação directa dos seus signos visíveis são apoiadas em estratégias de apropriação, que consistem na *comparatio* e na *interpretatio*. As antiguidades que, sobrepostas na narrativa, vão sendo evocadas pelo autor, como num palimpsesto, são com frequência, com recurso à comparação e à interpretação, usadas para compreender e interpretar a realidade que testemunha com perplexidade.

A *peregrinação*, que o leva a visitar lugares onde nunca esteve, mas de que guarda memória, suscitada pelo legado cultural clássico e bíblico, produz em García de Silva y Figueroa um deslumbramento provocado pela experiência e pela observação directa e vivencial. Essa revisitação envolve o conhecimento e o reconhecimento cultural dessa antiguidade *literária* que o autor indaga e que procura vislumbrar no que é concreto, no que é visível, no que permanece.

ção que esta obra nos oferece. Cf. Joaquín Córdoba, "Un caballero español en Isfahán: La embajada de Don García de Silva y Figueroa al *sha* Abbás el Grande (1614-1624)", *Arbor* 180, 711-712 (2005), p. 648.

Um viajante sem mapas? Figueroa e a cartografia da Pérsia

ZOLTÁN BIEDERMANN*

A 20 de Outubro de 1614, enquanto a nau em que ia D. Garcia de Silva y Figueroa se aproximava da Índia pela zona das Maldivas, foi encontrado junto à cama do embaixador um ninho de ratos. Como se a pestilência e o ruído causados pelos pequenos roedores não bastassem, acharam-se no ninho toda a sorte de objectos roubados aos passageiros mais folgados: panos, *lienços de narizes*, uma meia de seda e um sem-número de penas para escrever. Mas o mais surpreendente estava ainda para vir. Ao longo dos meses, os ratos haviam também acumulado "gran cantidad de papeles en que auia hojas enteras de roteros, de libros de deuoçion en latin y romançe, y de otros libros profanos".¹

É raro termos um testemunho tão explícito do uso de livros e papéis numa nau portuguesa do século XVII, uma indicação tão clara de como alguns tripulantes não só os transportavam e consultavam ocasionalmente, como também os deixavam abertos no escasso espaço das suas cabines enquanto se ausentavam para dedicar-se a outros afazeres. No entanto, é também de notar como este trecho não refere nenhum mapa. Não que eles não tenham existido a bordo da nau – seria difícil imaginar a sua total ausência, a despeito de nenhuma passagem do texto os referir explicitamente – ou que Figueroa não os tenha consultado, antes e possivelmente durante a viagem oceânica, para situar-se nas vastidões que percorria. Mas, de maneira assaz interessante, as referências que Figueroa faz a mapas ao longo do seu texto são escassas e, quando aparecem, não revelam qualquer confiança na cartografia enquanto meio moderno de representar os espaços que se iam explorando e, em parte, dominando. Coloca-se portanto a questão do estatuto da cartografia no quadro epistemológico de Figueroa. Qual seria a importância dos mapas para este viajante e autor?

* Birkbeck College, University of London.

¹ *Comentarios de Don García de Silva y Figueroa de la embajada que de parte del Rey de España don Felipe III hizo al Rey Xa Abas de Persia*, ed. Manuel Serrano y Sanz (2 vols., Madrid, 1903-1905), vol. I, p. 103.

A cartografia da Pérsia até ao tempo de Figueroa

Antes de respondermos directamente à questão, vejamos o que teria estado ao dispor de Figueroa se investisse uma porção do seu tempo e dinheiro na recolha de testemunhos cartográficos sobre a Pérsia. Sabendo como Figueroa se movia por um estrato social onde os mapas tiveram uma presença crescente em torno de 1600, é perfeitamente plausível que o nosso viajante tivesse observado alguns deles em pessoa. Mesmo que em Castela e em Portugal não pululassem os mapas nas casas da classe mercante como era o caso nos Países Baixos, as edições de Ortelius, Mercator e seus seguidores circulavam pela Península, e os mapas manuscritos, copiados a partir de originais guardados na Casa da Índia e na Casa de la Contratación, também havia muito que não eram secretos. Importa ainda assim sublinhar, mais uma vez, que nenhum documento fala explicitamente da consulta de qualquer um destes artefactos por Figueroa antes ou durante a sua viagem. Estamos portanto no domínio das hipóteses, examinando o panorama que teria *podido* exercer uma influência sobre o nosso viajante e autor.

A “cartografia portuguesa da Pérsia” – se é que tal coisa existiu alguma vez – deu os seus primeiros passos com a exploração das linhas costeiras do Golfo Pérsico no início do século XVI. Como é evidente, estas actividades desenrolaram-se numa época em que o controlo dos Safávidas sobre o Golfo que levava o nome de *Pérsico* havia quase dois milénios era escasso, se não inexistente.² Estava-se portanto a cartografar a periferia de um império, um espaço onde as embarcações portuguesas se moviam com relativo à-vontade. É nos mapas portugueses que se observa a passagem, na primeira década do século XVI, do modelo ptolemaico (um Golfo Pérsico aproximadamente rectangular com uma saída para o Índico a Sudeste) a modelos mais próximos da realidade física. Conforme mostrámos noutro lugar, existem indícios de uma exploração relativamente sistemática do litoral da Pérsia no âmbito das actividades relacionadas com a tomada de Ormuz e a apropriação portuguesa das redes de navegação, comércio e diplomacia deste empório em direcção a Barém e à foz do Eufrates nos anos seguintes.³ Dada a novidade das observações na zona, não surpreende que existissem ao longo do século XVI várias formas distintas de representar o Golfo, as quais por vezes conviviam lado a lado umas com as outras, reve-

² Cf. sobre o reino de Ormuz Jean Aubin, “Le royaume d’Ormuz au début du XVI^e siècle”, *Mare Luso-Indicum*, 2 (1973), pp. 77-179, e ainda Jean Aubin, “La politique iranienne d’Ormuz, 1515-1540”, *Studia*, 53 (1994), pp. 27-51.

³ Zoltán Biedermann, “Ormuz et sa région dans les cartes portugaises du XVI^e siècle”, in Dejanirah Couto & Rui Manuel Loureiro (eds.), *Revisiting Hormuz: Portuguese Interactions in the Persian Gulf Region the Early Modern Period* (Wiesbaden, 2008), pp. 121-133; e Zoltán Biedermann, “Mapping the Backyard of an Empire: Portuguese Cartographies of the Persian Littoral during the Safavid Period”, in Rudi Matthee & Jorge Flores (eds.), *Portugal, the Persian Gulf and Safavid Persia* (Leuven, 2011), pp. 51-78.

lando esforços frequentemente descoordenados para afinar a cartografia do espaço marítimo em questão.⁴

Note-se como esta cartografia não constituía necessariamente uma condição *sine qua non* para uma navegação segura no Golfo, que regra geral se percorria facilmente com a ajuda de pilotos locais. Visto que se podia ir de Ormuz a Barém ou Baçorá em poucos dias sem consultar mapas ou roteiros, é por vezes difícil estabelecer qual seria a função “concreta” de tais actividades de reconhecimento. É clara, porém, a sua função simbólica ligada à crescente vontade de visualizar o mundo e à ambição da coroa portuguesa em legitimar um domínio dos mares que se queria hegemónico.⁵ Embora nenhum artefacto manipulado no próprio terreno sobreviva, a cartografia hoje preservada reflecte de forma notável os desenvolvimentos dos originais perdidos. Temos assim cartas de Pedro Reinel (1510, 1517, 1519, 1522), Francisco Rodrigues (1513), Jorge Reinel (1519, c. 1519), Nuño García de Toreno (c. 1525), Juan Vespucci (1526), Diogo Ribeiro (1527, 1529, 1530), Gaspar Viegas (c. 1537), Giovanni Battista Agnese (c. 1540) vários anónimos (c. 1545, 1547, c. 1550-60, c. 1560), André Homem (1559), Bartolomeu Velho (c. 1560), Diogo Homem (1561), Lázaro Luís (1563), Sebastião Lopes (1565), Fernão Vaz Dourado (c. 1570) e Joan Martines (1578) – para mencionar apenas uma parte do acervo existente.⁶

Geralmente falando, estes mapas, portugueses ou ligados à tradição portuguesa *lato sensu*, fornecem pouca informação sobre as extensões terrestres do império safávida. Descrevem com minúcia e significativa precisão os litorais, mas não se preocupam em estender o saber assim produzido para dentro das terras. Isto talvez porque o salto epistemológico que a saída em terra teria implicado não se coadunava com o campo simbólico que a maioria dos cartógrafos portugueses consideravam seu, nem com os métodos que, pelo menos retoricamente, defendiam enquanto práticas marcadas por um grande rigor técnico. As superfícies brancas deixadas no papel revelam, como sabemos, não tanto a ignorância absoluta dessas zonas, mas sim uma ignorância relativa: era premente a consciência de que os métodos usados para cartografar os litorais (a “forma”, no dizer de Francesc Relaño) não podiam ser aplica-

⁴ Vejam-se várias genealogias cartográficas em Zoltán Biedermann, “The New Atlas of Historical Maps of the Persian Gulf – Methodological Aspects”, in Dejanirah Couto, Mahmoud Taleghani & Jean-Louis Bacqué-Grammont (eds.), *Cartographie historique du golfe Persique*, (Teerão, 2006), pp. 61-75.

⁵ Poder-se-ia argumentar, também, que uma boa cartografia dos litorais constituía uma arma na luta contra a pirataria. No entanto, também aqui o conhecimento que pilotos e outros homens de experiência teriam dos cabos e das baías do Golfo seriam provavelmente mais eficazes do que os mapas, além de que a pirataria não constituiu, no século XVI, um problema maior nesta região.

⁶ Publicámos uma parte significativa destes mapas, e outros mais tardios, em *Atlas historique du golfe Persique / Historical Atlas of the Persian Gulf*, coord. Zoltán Biedermann (Turnhout, 2006).

dos da mesma maneira ao interior (o “conteúdo”),⁷ e que portanto qualquer informação nestas zonas seria de uma qualidade substancialmente inferior à daquelas se posta no papel com as mesmas ambições pictóricas. Não queremos com isto dizer, evidentemente, que a cartografia dos litorais era em tudo rigorosa, que o seu método era científico no sentido moderno da palavra. Estudos sobre a cartografia marinha espanhola, melhor documentada nas suas práticas quotidianas do que a portuguesa, mostram como se tratava de uma actividade profundamente marcada por negociações sociais do saber.⁸ No entanto, importa ainda assim frisar que cartografar com algum rigor uma linha costeira a partir de um navio português era incomparavelmente mais exequível do que cartografar o interior de um país como a Pérsia. Mesmo que adoptemos uma posição crítica face ao rigor da cartografia marinha do século XVI, devemos ter em conta como a divisão dos saberes entre o mar e a terra se manteve relevante em Portugal tanto ao nível simbólico como prático, e que existiu um declive marcado e persistente entre a quantidade e qualidade da informação cartográfica portuguesa relativa aos litorais, por um lado, e aos interiores, por outro, particularmente no Médio Oriente.

A inibição face à cartografia terrestre acabou por selar o destino de uma tradição notável, mas incapaz de adaptar-se ao mercado que mais cresceria na segunda metade do século, o dos mapas impressos.⁹ Por razões variadas, os mapas portugueses acabaram por exercer uma influência mais indirecta do que directa sobre a restante cartografia europeia da região pérsica.¹⁰ Esta influência deveu-se ao facto de serem parcialmente copiados na Itália e nos Países Baixos. Enquanto a cartografia portuguesa, crescentemente isolada na sua mundividência e metodologia, se concentrou nos litorais, a nova cartografia italo-flamenga, mais consciente das possibilidades comerciais de uma produção impressa massificada, dedicou-se com relativo sucesso a preencher as áreas deixadas em branco por aquela. Não surpreende que a cartografia da Pérsia sofresse os seus maiores avanços nos séculos XVI e XVII fora do âmbito estritamente ibérico, em Veneza e nos Países Baixos – para não mencionar a hipótese, aliciante mas mal documentada, de avanços feitos na própria Pérsia.¹¹ Vistas as

⁷ Francisc Relião, *The Shaping of Africa: Cosmographic Discourse and Cartographic Science in Late Medieval and Early Modern Europe* (Aldershot, 2002), p. 185.

⁸ Alison Sandman, “Spanish Nautical Cartography in the Renaissance”, in David Woodward (ed.), *History of Cartography*, vol. III (Chicago & Londres, 2007), pp. 1095-1142.

⁹ O panorama da cartografia terrestre impressa encontra-se documentado em Cyrus Alai, *General Maps of Persia, 1477-1925* (Leiden & Boston, 2005).

¹⁰ Cf. Biedermann, “The Dutch Cartography of the Persian Gulf in the Seventeenth and Eighteenth Centuries”, in *Atlas historique du golfe Persique*, pp. 157-235.

¹¹ A hipótese de uma cartografia islâmica altamente influente na época moderna é defendida vigorosamente em Fuat Sezgin, *Geschichte des arabischen Schrifttums*, vols. XI-XII: *Mathematische Geographie und Kartographie im Islam und ihr Fortleben im Abendland* (Francoforte, 2000). Não nos cabe julgar a qualidade desta obra para além da constatação de que as provas aduzidas em favor da sua tese nos parecem discutíveis. Para além disso, mesmo que se confirme a existência de mapas islâmicos da região, quedaria por discutir a sua articulação com

cautelos que os cartógrafos portugueses manifestavam no tocante ao interior dos territórios asiáticos, era importante que alguém se atrevesse a formular novas hipóteses no papel, mesmo sabendo que os dados não seriam de fiar. Homens como Giacomo Gastaldi em Veneza, Gerard Mercator em Lovaina e Duisburg, e Abraham Ortelius em Antuérpia produziram mapas infinitamente mais ricos do que os mapas portugueses no tocante à massa continental da Ásia ocidental. Vendidos em tiragens de milhares de cópias, os seus produtos exerceram uma influência duradoira sobre toda a produção cartográfica europeia.

Uma das grandes incógnitas nas obras de Gastaldi, Ortelius e Mercator é a proveniência exacta da informação sobre o interior da Pérsia. O veneziano Giacomo Gastaldi tem vindo a emergir como o autor mais determinante para a cartografia ocidental dos impérios otomano e safávida,¹² o que não surpreende, visto que a ele se deve o primeiro mapa cujo título inclui o nome da Pérsia – a *Persia Nova Tabula* de 1548¹³ – e ainda o mais importante mapa da Anatólia, Pérsia e Ásia Central modernas produzido no século XVI, o *Disegno della Prima Parte de l'Asia* de 1559¹⁴. Em marcado contraste com todos os mapas ibéricos produzidos no século XVI, Gastaldi conseguiu nas décadas de 1540-60 elaborar, em Veneza, um mapa com numerosos topónimos modernos para os quais os historiadores têm em vão procurado uma fonte única. Segundo Sonja Brentjes, Gastaldi baseou-se em Ptolomeu, mas a sua Pérsia é o resultado de uma construção complexa, feita a partir de elementos múltiplos de origem e carácter diversos, geralmente ligados aos interesses comerciais e diplomáticos de Veneza no Próximo Oriente. Ortelius e Mercator, por sua vez, usaram Gastaldi de forma sistemática. Temos sem dúvida de ser mais abertos do que até agora à ideia de que numerosos viajantes atravessaram a Pérsia no século XVI, por vezes sem deixar rasto nos arquivos, mas dinamizando a circulação dos saberes geográficos.¹⁵ Livres do constrangimento simbólico de produzirem cartas de alta precisão (ou com aparência de alta precisão), os cartógrafos da Itália e dos Países Baixos souberam aproveitar este fluxo de informação para enriquecer os seus produtos e reforçar, à medida que o tempo passava, uma impressão de aumento quantitativo do conhecimento ao dispor do público.

a cartografia ocidental.

¹² Sobre a importância de Gastaldi para Ortelius, cf. Peter H. Meurer, *Fontes Cartographici Orteliani* (Weinheim, 1991), p. 71, e Sonja Brentjes, “Immediacy, Mediation, and Media in Early Modern Catholic and Protestant Representations of Safavid Iran”, *Journal of Early Modern History*, 13 (2009), pp. 186-187. Sobre Gastaldi e a Pérsia, veja-se também, Sonja Brentjes, “The representation of Iran in Western maps from 1300 to 1840”, *Archives Internationales d'Histoire des Sciences*, 60/2-165 (2010), pp. 457-476.

¹³ Reproduzido em Alai, *General Maps*, p. 38. O segundo mapa, *Il Disegno della Seconda Parte dell'Asia*, encontra-se reproduzido em *Atlas Historique du golfe Persique*, pp. 132-133.

¹⁴ Reproduzido em Alai, *General Maps*, p. 57.

¹⁵ Cf. Sonja Brentjes, *Travellers from Europe in the Ottoman and Safavid empires, 16th-17th centuries: Seeking, transforming, discarding knowledge* (Aldershot, 2010).

Importa também notar aqui como, na segunda metade do século XVI, aumentou o interesse dos cartógrafos europeus em elaborar mapas sobre a geografia histórica da Europa, África e Ásia. Assim, encontramos no *Theatrum* de Ortelius, com extensões sucessivas nas várias edições do final do século, um *Parergon* que foi crescendo até atingir 38 cartas na versão de 1612, a última que Figueroa poderia ter consultado antes de partir para a Índia.¹⁶ Aí está incluído, com o número xxxiii, um mapa da Pérsia que leva o título *Alexandri Magni Macedonis Expeditio*, datado de 1595. Nela encontramos alguns elementos que o nosso viajante teria sem dúvida procurado localizar: a cidade de *Persepolis regia totius Orientis*, as *Pilae Persidis et Susidae*, e *Pasargada ubi Cyri regis sepultura*.¹⁷

O atlas de Lázaro Luís

É notável como a cartografia renascentista portuguesa se concentrou numa representação minuciosa das margens do Golfo Pérsico, contando cabos, ilhas e surgidouros com grande precisão, mas evitando colocar no interior mais do que alguns topónimos regionais como *Carmania*, *Pérsia* ou *Mogostão*, ou alguns elementos visuais quase sempre genéricos. Se nalguns mapas a Pérsia toma uma forma mais concreta do que as vastidões da Ásia Central, é graças à preocupação dos seus cartógrafos em incluir um desenho do Mar Cáspio. Este mar interior vinha carregado, nos mapas de tradição ptolemaica, de uma ideia errónea segunda a qual ele seria oval, com a sua maior extensão indo no sentido Este-Oeste. Mas numerosos autores medievais corrigiram tal aceção,¹⁸ fazendo surgir na cartografia figuras mais complexas e próximas da realidade física, por exemplo no Atlas catalão de 1375 (Figura 23), de cujo desenho ainda encontramos ecos no mapa de Juan de la Cosa, feito nos primeiríssimos anos do século XVI. Não parece que a entrada em campo dos portugueses tenha trazido uma inflexão. Os planisférios de Diogo Ribeiro, feitos em Sevilha em finais da década de 1520, estão próximos da tradição tardo-medieval que acabamos de referir, embora não apresentem topónimos para esta área. O Mar Cáspio aparece aí (por exemplo no fragmento de c. 1530 – Figura 24) com algumas características que podemos considerar “correctas”, nomeadamente o facto de a sua bacia meridional se

¹⁶ *Parergon sive Veteris Geographiae aliquot Tabulae...*, incluído no final de *Theatrum Orbis Terrarum* (Antuérpia, 1612). O mapa da Pérsia encontra-se reproduzido em Rouben Galichian, *Historical Maps of Armenia: The cartographic heritage* (Londres & Nova Iorque, 2004), p. 133. Sobre a “instabilidade” inerente ao processo de reprodução do *Theatrum* ao longo das décadas, veja-se Marcel van den Broeke, “Unstable editions of Ortelius’ atlas”, *The Map Collector*, 70 (1995), pp. 2-8.

¹⁷ Nos mapas não-históricos de Ortelius, este último lugar aparece como uma cidade chamada “Sepultura”. Sobre as *pylae* ou “portas”, cf. nota *infra*.

¹⁸ Sobre este assunto, veja-se Leo Bagrow, “Italians on the Caspian”, *Imago Mundi*, 13 (1956), pp. 2-10.

encontrar enquadrada a Oeste por uma protuberância terrestre onde hoje se encontra a cidade de Baku. Na ponta superior daquilo que assim emerge como a bacia setentrional vê-se, numa forma praticamente idêntica à do Atlas Catalão, o delta do rio Volga. Note-se também como, em tudo isto, a posição ocupada pelo mar interior em relação ao Mar Negro e ao Golfo Pérsico é aproximadamente correcta.¹⁹

O que é mais desconcertante é como em certa cartografia portuguesa tudo isto foi subvertido – quando não ignorado – na segunda metade do século XVI. É o que se constata num par de desenhos que Lázaro Luís decidiu introduzir no seu “Atlas” de 1563, provavelmente produzido em Goa (ver Figura 25). No fol. 6v desse volume hoje conservado na Academia das Ciências de Lisboa,²⁰ surge-nos um estranho esboço do que Armando Cortesão supôs ser uma pequena extensão de território situado ao Sul da actual Teerão, entre os lagos de Daria-i-Namak e Tuslu Geul.²¹ Desde que Cortesão optou por esta interpretação rocambolesca em 1935, nunca se procedeu a um estudo mais aprofundado deste mapa, onde tudo confunde o observador: desde a escala, que não se coaduna com a de um mapa local, passando pelos contornos geográficos que não correspondem a nada na cartografia actual, até aos topónimos, dos quais Cortesão só aventou a identificação de um, sem qualquer fundamento.²² Vale a pena determo-nos por um instante neste exemplar relativamente pobre mas interessante do que poderá (ou não) ter sido uma tradição mais extensa de mapas e esboços cartográficos portugueses (ou luso-asiáticos) de zonas interiores da Ásia ocidental.

No objecto em questão, a escala de latitudes foi colocada verticalmente numa folha de papel usada na horizontal, como era frequentemente o caso. É um tanto surpreendente a escolha de uma escala entre 33° e 43° de latitude Norte, que abrangeria num mapa actual o terço setentrional do Irão (começando a Norte de Isfaão) e mais de metade do Mar Cáspio – mas a questão das latitudes da Pérsia estava longe de ser resolvida, conforme se constata aliás ao ler ainda o relato de Figueroa. É igualmente desconcertante que tenhamos, do lado direito, um grande lago estendendo-se aproximadamente de 34° 30' a 41°, e do lado esquerdo um lago mais pequeno, entre

¹⁹ Os desenvolvimentos não pararam por aqui, pois no mapa de Maggiolo de 1504 aparece um Mar Cáspio ainda consideravelmente mais elaborado, com numerosos topónimos e uma forma próxima da real, embora com a orientação incorrecta. Até agora não nos foi possível fazer uma leitura dos topónimos com base nas reproduções que possuímos do mapa.

²⁰ Entre um mapa do Sudeste Asiático (f. 6r) e outro da América entre a cidade do México e a foz do Amazonas (f. 7v), o que indica talvez que a ordem das cartas não era originalmente esta – visto que o Golfo Pérsico aparece no f. 8r seguido pelo Mar Vermelho no f. 8v.

²¹ Armando Cortesão, *Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI* (2 vols., Lisboa, 1935), vol. II, p. 248. Reproduzido em *Portugaliae Monumenta Cartographica*, ed. Armando Cortesão & Avelino Teixeira da Mota (6 vols., Lisboa, 1960), vol. II, estampa 218.

²² A “cidade de esta rabat” é identificada (com um ponto de interrogação, é certo) como sendo a actual Rabat Kerim, a cerca de 45 km a Sul de Teerão.

cerca de 39° 30' e 42°. Nada disto existe na topografia real, nem de perto, nem de longe. A chave do enigma está, porém, no próprio mapa. O que temos no lado direito da folha representa o Mar Cáspio, e não um lago menor. Aliás, o facto de aparecerem nas suas margens topónimos liga-se precisamente a isso: o mapa segue, mesmo nesta região do interior da Ásia, essencialmente uma lógica marítima. Alguns dos topónimos, usados pelo autor do mapa como se designassem centros urbanos, derivam dos nomes de sub-regiões do Norte da Pérsia. “Sidade de gillaom” corresponde ao Gilan, e “Sidade de Masendaraom” ao Mazandaran – ambos presentes em vários mapas tardo-medievais. Outros nomes são mais difíceis de identificar num mapa actual do Irão mas perfeitamente reconhecíveis noutros mapas da época moderna, nomeadamente nos de Gastaldi e Ortelius: a “Sidade De estarabat” corresponde a “Starabat” no mapa de Gastaldi (e é correctamente identificado como uma região nos *Comentarios* de Figueroa).²³ “A sidade de barqe”, por sua vez, corresponde a Baku. A “Sidade A que chamao portas Dalexandria” poderá remeter para o desfileiro pelo qual Alexandre teria entrado no Nordeste da Pérsia na sua perseguição a Dario, as *pylae* habitualmente identificadas com uma passagem pelas montanhas a Leste-Sudeste de Teerão,²⁴ embora também pudesse aludir a algum outro lugar associado com o Macedónio, ou ainda – quiçá a explicação mais satisfatória no presente caso – com a cidade de Darband/Ardebil.²⁵ O que é desconcertante é que o Mar Cáspio, correctamente orientado de Norte a Sul, venha rodeado de topónimos que só fazem sentido se virarmos a folha 90° contra a direcção do relógio. Aliás, enquanto a orientação Norte-Sul do mar está correcta, a protuberância terrestre que apresenta poderá muito bem corresponder à zona de Baku. Nesse caso, o mar e os topónimos teriam sido rodados em conjunto, como se alguém tivesse tido à mão um desenho sem mais nada e não tivesse sabido como integrá-lo no resto da geografia da Ásia. Veremos em breve de onde pode ter vindo este erro.

Uma vez identificada a extensão de água maior, a outra, mais pequena, revela-se facilmente como sendo o Lago de Van, já em território otomano. Situada na parte meridional deste lago, a “Sidade De Atomar” é Actamar, o centro eclesiástico arménio (*Actamar* ou *Astamar* noutros mapas da época).²⁶ A “sidade de Ogis” está no lugar de Erciş (*Ergis* ou *Erchis* noutros mapas). A “sidade De hoaom” é a cidade de Van, que deu o nome ao lago – reflexo remoto na ortografia, mas indubitável quando

²³ *Comentarios*, vol. II, p. 205.

²⁴ Cf. J. F. Standish, “The Caspian Gates”, *Greece and Rome*, 17, 1 (1970), pp. 17-24.

²⁵ Sobre a relação entre *Porta caucasia* / *Porta ferrea* / *Porta caspia* e Darband discutida em Pietro della Valle, cf. Sonja Brentjes, “The presence of ancient secular and religious texts in the unpublished and printed writings of Pietro della Valle (1586-1652)”, *Travellers from Europe in the Ottoman and Safavid empires*, p. 11. É perto de Darband que Figueroa identifica a existência de uma porta de ferro que cerraria a passagem por uma garganta às cáfilas (*Comentarios*, vol. II, p. 220).

²⁶ Sobre a ilha e o seu contexto, veja-se Robert H. Hewsen, *Armenia: A Historical Atlas* (Chicago & Londres, 2001), pp. 116-117.

pronunciamos ambos os nomes em português.²⁷ Por fim, a “Sidade de Elisaias”, embora apareça no lugar de Bitlis, remete para Adiljevis, em cujo nome a ordem entre as letras *d* e *l* é frequentemente invertida.²⁸

Não surpreende que as correspondências entre a toponímia do mapa de 1563 e a da actualidade sejam por vezes tortuosas. O que surpreende é que no meio de tanta incerteza tantos lugares estejam correctamente posicionados uns em relação aos outros. Note-se como existiam dúvidas consideráveis na Europa dessa época sobre a posição do Lago de Van em relação ao Mar Cáspio e ao Rio Tigre. Idrisi confundira já (isto é, fundira ambos num só) os lagos de Van e Servan,²⁹ e em Gastaldi, Ortelius e Mercator encontramos dúvidas semelhantes. Lázaro Luís, pelo menos, acerta com a distância até ao Mar Cáspio (cem léguas na escala que inclui no mapa) e adiciona numa legenda que “Em Esta pllaina Estão/ Dous lagos qe Estaom na te/rra Do xetamas *que* e na perçia”. Como é agora evidente, estas palavras não se referem aos dois corpos de água desenhados no papel, mas àquilo que fica entre eles, nas terras altas da região de Tabriz e Erevan, então sob domínio safávida: os lagos de Servan e de Orumiye.

Repostas assim as coisas no seu devido lugar, importaria entender de onde vinha tudo isto. Enquanto não encontramos mais dados, o que parece evidente é que os mapas do Atlas de Lázaro Luís de 1563 estão em continuidade com o que se pode ver num mapa anónimo do *Livro de Marinharia* de João de Lisboa, datável de c. 1560, hoje na Torre do Tombo (Figura 26).³⁰ Aí temos, embora apenas numa margem da obra, um outro reflexo da preocupação em cartografar, ainda que fosse sumariamente, a zona do Mar Cáspio e do lago de Van. No canto superior direito de uma folha centrada sobre o Mar Vermelho e o Golfo Pérsico (fol. 15v), sobre as vastidões deixadas em branco do império safávida, o autor – e com isto reforça-se a hipótese de um fabrico em Goa no início da década de 1560 – colocou um Mar Cáspio muito parecido com o de 1563. Os topónimos sugerem que este mapa é, efectivamente, muito próximo do de Lázaro Luís, tendo-lhe talvez servido de modelo.³¹ Também nele, a colocação dos topónimos revela uma confusão considerável: as suas posições em relação aos pontos cardeais apenas são correctas se girarmos o desenho

²⁷ Especialmente se tivermos em conta a frequente confusão entre U e V.

²⁸ Por exemplo, ainda no início do século XX surgia transcrito como Eldjewas: Adolf Stieler, *Stieler's Hand-Atlas*, fac-símile da 9ª ed., de 1906 (Darmstadt, 2007), mapa 61.

²⁹ Cf. Hewsen, *Armenia: A Historical Atlas*, mapa 114.

³⁰ Descrito e publicado em *Portugaliae Monumenta Cartographica*, vol. I, pp. 173-176. A datação e a atribuição são, como se pode constatar pelas várias opiniões surgidas desde inícios do século XX, problemáticas. Uma origem em Goa parece provável. A autoria de Fernão Vaz Dourado, porém, é duvidosa.

³¹ Nada o sugere claramente, mas a corrupção das “portas de alexandre” (anónimo) em “Sidade A que chamao portas Dalexandria” (Luís) poderá ser um indício nesse sentido e corroborar a datação aventada por Teixeira da Mota para o anónimo (c. 1560).

90° graus no sentido dos ponteiros do relógio, imaginando o Norte onde o mapa tem o seu Leste. A deslocação do mar para o Sudeste, onde ocupa uma latitude e longitude impossível na massa continental, é particularmente visível no caso do mapa anónimo.³² Isto sugere duas coisas: primeiro, que quem quer que fornecesse a informação ao cartógrafo, não teve ao seu alcance nenhum método satisfatório de medir a latitude; e segundo, que o cartógrafo, ao mesmo tempo que deu crédito a tal informador, ignorou toda uma tradição, acima referida, de representações relativamente correctas do Mar Cáspio da época tardo-medieval.

Mas, voltando aos mapas de 1563, a que propósito vinha tudo isto num “atlas” que cobria o globo em treze cartas, dez das quais de escala muito pequena, isto é, cobrindo áreas muito vastas desde a Nova Espanha até ao Extremo Oriente? É forte a primeira impressão de que este mapa do Noroeste da Pérsia constitui um corpo estranho no volume, pelo menos em termos de linguagem cartográfica: as formas geográficas representadas parecem mais vagas, e como vimos um exercício de comparação com mapas actuais revela uma distorção muito mais acentuada do que nos outros mapas, todos marítimos. No entanto, por outro lado, o mapa assim como o possuímos saiu da mesma mão que o resto do volume, os ícones que representam as cidades seguem o mesmo estilo, e até nas formas do lago de Van e do Mar Cáspio podemos descobrir elementos que apontam para uma certa ambição de rigor. Por exemplo, vemos os afluentes do Mar Cáspio e o rio que desemboca no Nordeste do lago de Van.

O mapa em questão deve ser visto em conjunto com outros dois mapas regionais que representam o Golfo Pérsico, nos fólhos 8r e 8v do mesmo atlas. Existem, para começar, indícios de que também estes mapas foram produzidos em tensão com as escalas visíveis no papel, mais do que em harmonia com elas. O mapa no fólio 8r (Figura 27) compreende, no seu terço inferior, uma escala de 20° a 27°, a qual, se fosse estendida até ao topo da folha, iria até aos 43° aproximadamente – ou seja, uma latitude a meio do actual Mar Cáspio, superior à de Baku, correspondendo a uma forte distensão Sul-Norte da região dos rios (43° é também o limite superior da escala do mapa acima descrito, o qual efectivamente termina a Norte de Baku). O terceiro mapa, no fólio 8v, apresenta uma escala totalmente desconexa do desenho em si, indo de 10° a 32°, o que teria correspondido a um desenho cobrindo a zona da Arábia desde o Cabo de Guardafui no Corno de África até à latitude de Bagdade e Isfaão. Alguma coisa difícil de entender sucedeu com estas folhas, mas o que podemos reter é que o mapa acima descrito do interior da Pérsia se liga, se ignorarmos as escalas, ao primeiro dos mapas do Golfo, no fólio 8r. Este mapa inclui o Golfo, mas também quase toda a extensão do Rio Tigre. Subindo este curso de água, a última

³² Isto em marcado contraste, aliás, com uma tendência geral da cartografia ocidental até Olearius para “puxar” a Pérsia mais para Norte do que na realidade (cf. Alfons Gabriel, *Die Erforschung Persiens* [Viena, 1952], p. 89).

estação no mapa é a “Sidade De Caramid”, designação comum de Diyarbakir (“*kar-amit vel diarbekr*” no mapa de Adam Olearius). Esta cidade encontra-se a cerca de 200 quilómetros a Oeste-Sudoeste do Lago de Van, isto é, a menos de um grau a Sul de Actamar. Faz portanto todo o sentido que onde este mapa acaba, o mapa seguinte (acima descrito) comece – e se os mapas fossem contíguos no volume encadernado que hoje possuímos, isto seria muito mais evidente. É esta a divisão do espaço subjacente ao par de mapas em questão, o que por sua vez relativiza a impressão de que o mapa do interior da Pérsia constitui um corpo estranho. Ao apresentarem um escopo e uma escala diferentes dos outros desenhos do volume, estes dois mapas aparentam ser, *juntamente*, exógenos à lógica básica do Atlas. Por outro lado, a sua estreita ligação um com o outro ajuda a ancorar o mapa do Norte da Pérsia na narrativa geral do volume, ligando uma realidade terrestre totalmente alheia às preocupações normais dos cartógrafos profissionais, aqui representada a uma escala invulgar, à realidade marítima que estes melhor conheciam.

Por outras palavras, temos um indício ténue de como a cartografia portuguesa ocasionalmente se aventurava para espaços distantes do mar de forma autónoma, o que, por sua vez, poderá contribuir para alargar ou relativizar o significado da expressão “cartografia portuguesa”. Onde quer que Lázaro Luís tenha obtido a informação para o par de mapas em questão, ela não provinha do foro habitual, isto é, do mesmo lugar onde obteve a informação para traçar os mapas do Brasil, da Nova Espanha, do litoral persa e indiano, etc. Seria plausível que Luís tivesse contactado com um ou vários dos numerosos indivíduos que, em missões comerciais, diplomáticas ou de espionagem mais ou menos opacas e geralmente mal documentadas, atravessavam essa região com certa assiduidade.³³ Poderá também ter visto alguns apontamentos, ou um esquisso trazido por alguém para Goa. Ou ainda, e esta é hipótese não é de todo a menos plausível, ter sido informado por alguém que conhecia a Arménia e a Mesopotâmia mais profundamente, como por exemplo o bispo Mar Joseph, que chegou a Goa em 1557.³⁴

³³ Cf. Vasco Resende, “L’Orient islamique dans la culture portugaise de l’époque moderne”, dissertação de doutoramento policopiada (EPHE – Paris, 2011), pp. 223-224. Os meus agradecimentos ao autor por facultar-me acesso a este trabalho. Resende aponta o exemplo de Fernão Coutinho que, essencialmente por curiosidade, decidiu ir da Índia a Portugal pela via do Médio Oriente, subindo o vale do Eufrates e passando por Alepo (pp. 223-224) e refere também Simão Fernandes, um arménio conhecedor da região (p. 271). A primeira referência que possuímos para este indivíduo data, porém, de 1565, quando se juntou ao viajante Mestre Afonso em Ormuz (veja-se a nota biográfica sobre Fernandes em Roberto Gulbenkian, “La légende de David de Sassoun d’après deux voyageurs portugais du XVI^e siècle”, in *Estudos Históricas* [3 vols., Lisboa, 1995], vol. I, pp. 94-96).

³⁴ Note-se que Mar Joseph era designado de “arménio” quando na realidade era caldeu. Sobre este assunto e sobre os vários significados da designação de pessoas como “arménias” no século XVI, cf. Roberto Gulbenkian, “Jacome Abuna, an Armenian Bishop in Malabar (1503-1550), *Arquivos do Centro Cultural Português*, 4 (1972), pp. 165 e 170.

Talvez seja relevante a este respeito que o mapa não veicula nenhuma informação relativa ao itinerário mais comum dos embaixadores portugueses à Pérsia – recorde-se como ainda em 1549 o governador Jorge Cabral enviara Henrique de Macedo à corte de Shah Thamasp,³⁵ e como na sua generalidade estes enviados tendiam a seguir rota que ia de Ormuz para o Norte da Pérsia passando por Lar, Xiraz e Isfaão, ou ligeiramente mais a Leste.³⁶ Os nossos mapas, por contraste, incidem sobre um itinerário que percorre o vale do Tigre até Diarbakir, inflectindo logo para Leste-Nordeste, isto é, passando por Van e entrando em território safávida por uma via que não viria a ser a de Figueroa, mas que porventura seria mais rápida, embora também mais arriscada devido à instabilidade desta região fronteiriça (Figueroa mencionaria os perigos da zona do rio Tigre no final dos *Comentarios*). Note-se como este hipotético itinerário não se dirige de Diarbakir a Tabriz, mas sim ligeiramente mais para Norte – poder-se-ia portanto imaginar uma caminhada desde o Lago de Van até ao Mar Cáspio por terras mais propriamente arménias, aproveitando o vale do Aras. Repare-se também como estamos a operar com uma perspectiva lusocêntrica (um itinerário de Sul para Norte) que poderia perfeitamente inverter-se: os topónimos do mapa podem ser reflexo de um itinerário que começa na Arménia e vai para o Índico. O que não deixa de ser difícil de entender é a nota que refere o Mar Cáspio como sendo o “Lago que Esta Amtre ho simde E a persia”. Quiçá ela se ligue à ideia, expressa mais visivelmente na carta de c.1560, de um mar situado muito mais a Sudeste do que é o caso na realidade.

Resta dizer algo sobre o significado de tudo isto no âmbito mais largo da cartografia europeia da Pérsia. Não é de todo clara a relação dos mapas de Lázaro Luís (nem do desenho ou relato que lhe serviu de base) com os mapas de Gastaldi e Ortelius (ou os desenhos ou relatos que ajudaram a compô-los). Até agora, não lográmos estabelecer nenhuma ligação directa, nem nenhuma relação de anterioridade ou posterioridade. É certamente interessante notar que, a despeito de estar disponível no mercado europeu muito mais informação sobre a Pérsia (nomeadamente nos mapas de Gastaldi, de 1548 e 1559),³⁷ Lázaro Luís não a incluiu – ou porque não a conhecia, ou porque decidiu ignorá-la.³⁸ Nem sempre descortinamos as lógicas subjacentes à selecção da informação geográfica no século XVI. O que sim parece indiscutível é que a informação de Lázaro Luís, por mais que nos comova no âmbito da história dos itinerários portugueses pelo Médio Oriente, é incomparavelmente mais lacónica do que aquilo que Gastaldi conseguiu produzir em Veneza combinando uma multitudine de fontes. Isto quando, para o Golfo Pérsico, a relação é exactamente inversa. À falta de

³⁵ Roberto Gulbenkian, “Les ambassades portugaises en Perse du début du XVI^{ème} à la fin du XVII^{ème} siècle”, in *Estudos Históricas*, vol. II, p. 19.

³⁶ Lara e Xiraz aparecem no Atlas de Fernão Vaz Dourado de 1568, que se conserva na Biblioteca dos Duques de Alba.

³⁷ Reproduzidos em Alai, *General Maps*, pp. 40 e 57.

³⁸ O mesmo se aplica a quaisquer mapas islâmicos eventualmente disponíveis. Se existiram, também é certo que os nossos cartógrafos os ignoraram rotundamente.

melhor, reteremos portanto um contraste profundo entre os modos de representar os espaços marítimos e terrestres da Ásia em meados do século XVI, em correspondência com duas áreas de produção cartográfica: a esfera portuguesa, por um lado, Veneza e Antuérpia, por outro.

Bastará no âmbito presente adicionar que este contraste se manteve ao longo das décadas seguintes, fazendo com que, se Figueroa tivesse querido consultar um mapa com informação sobre o interior da Pérsia, teria muito provavelmente de recorrer a algo impresso na Itália ou nos Países Baixos. Acima nos estendemos sobre Gastaldi porque, apesar de ter vivido meio século antes de Figueroa, os seus mapas ainda constituíam a base dos mapas impressos no início do século XVII. Gastaldi foi copiado extensamente – na sua totalidade ou por partes – nos Países Baixos, tanto na Flandres espanhola como nas províncias do Norte. Vemos a influência directa de Gastaldi em Gerard de Jode, cuja *Primae Partis Asiae acurata delineatio* (Antuérpia, 1577) constitui em larga medida uma cópia, embora feita em novas placas de cobre e com pequenas alterações face ao original, do mapa de Gastaldi de 1559.³⁹ A situação é semelhante no que toca ao mapa *Persici sive Sophorum Regni Typus* incluído no *Theatrum Orbis Terrarum* de Abraham Ortelius (Antuérpia, 1^a edição em 1570 – Figura 28). No campo da topografia e toponímia do interior da Pérsia – como aliás do Golfo Pérsico – Ortelius é altamente devedor de Gastaldi. Não só traz pouco de novo, como simplifica a imagem do cartógrafo italiano, omitindo quase todos os símbolos que indiciam relevo (isto é, montanhas e serras) e comprimindo a Pérsia na sua extensão Este-Oeste.⁴⁰

Outro mapa ao alcance de um viajante como Figueroa poderia ter sido o mapa regional incluído no Itinerário de Jan Huyghen van Linschoten, desenhado por Henricus Floris Langren e impresso em Amesterdão em 1596. No entanto, muito mais importante para o interior da Pérsia seria qualquer mapa saído da série Mercator-Hondius-Janssonius, inaugurada com o *Atlas Mercator* de 1595. Embora aqui se tratasse de uma produção mais marcadamente protestante (Hondius, por exemplo, fugiu de Gante para Londres depois da conquista da cidade pelo Duque de Parma em 1584), não é de crer que Figueroa pudesse ignorar a sua existência, vista a enorme divulgação da obra de Mercator nas versões de Hondius, Janssonius e outros ao longo das primeiras décadas do século XVII.

Existiam também mapas pequenos que poderiam caber em qualquer bolso: por exemplo o mapa *Persiae Regnum* incluído pelo impressor veneziano Giorgio Angelieri na edição de 1596 do *Delle Relationi Universali* de Giovanni Botero (originalmente impresso em Roma em 1591 sem mapas); ou ainda, com base neste, uma

³⁹ Reproduzido em Alai, *General Maps*, p. 71.

⁴⁰ Gastaldi coloca a foz do Eufrates em 84° E (84° E também em Ortelius) e o “Lago Burgian” em 116° (112° em Ortelius).

versão alemã impressa por Matthias Quad e Johannes Bussemacher em Colónia em 1600 (*Persiae Regnum sive Sophorum Imperium*).⁴¹

Figueroa e os mapas

Mas o que teria feito Figueroa com todos estes mapas? Por um lado, é plausível que tivesse olhado para alguns deles a fim de ganhar uma ideia geral das regiões que iria atravessar. A configuração geral dos continentes e das suas regiões seria parte de uma educação de base para alguém do seu estatuto. É também provável que Figueroa tivesse um interesse histórico em visualizar a informação veiculada pelos autores clássicos que consultava, desde Estrabão até Ptolomeu. Na obra do geógrafo alexandrino, o actual Irão⁴² era objecto de uma listagem à parte – a conhecida *Quinta Asiae Tabula* – e, consequentemente, de um mapa particular: o mapa número cinco da Ásia.⁴³ É altamente provável que Figueroa consultasse esta fonte (isto é, o mapa em combinação com a respectiva tabela toponímica), vista a sua familiaridade com toda uma série de autores clássicos, exibida ao longo dos *Comentarios*. A discussão da geografia da região no início do livro sexto é disso o mais forte sinal. Neste sentido, o embaixador sabia que ia atravessar a *Persidis* e a *Media*, e possivelmente também a *Susiana* ou a *Parthia* dos Antigos – uma série de territórios cuja unificação no tempo de Xá Abbas se reflectiu na identificação de todo o território compreendido entre Golfo Pérsico e Mar Cáspio como *Pérsia* na cartografia ocidental.⁴⁴

No entanto, com isto também alcançamos os limites do potencial “útil” da cartografia renascentista para alguém que procurasse mais do que uma imagem geral. Descendo aos espaços concretos que um viajante como Figueroa teria que atravessar, ao labor físico das jornadas que o levariam de um caravansarai ao seguinte e das etapas que ligariam as cidades umas às outras, um mapa como o de Gastaldi seria de pouca ou nenhuma utilidade. Este aspecto, aparentemente banal, é importante para o nosso propósito. Olhando para qualquer mapa da época, tentando focar o espaço entre qualquer par de lugares aí representados, e lendo depois o trecho correspondente dos *Comentarios*, constatamos um total desfasamento entre as escalas dos dois meios de representação do espaço. Embora sejam numerosas as instâncias em que Figueroa se abre a considerações de índole global (comparações, considerações sobre a geologia e história da humanidade, reflexões sobre o clima etc.), só raramente o texto se

⁴¹ Ambos reproduzidos em Alai, *General Maps*, pp. 60 e 135.

⁴² Cf. Cyrus Alai, “Persia or Iran? What do the maps say?”, *The Map Collector*, 70 (1995), pp. 12-17.

⁴³ Veja-se Alai, *General Maps*, p. 17, para um gráfico sobre os outros mapas regionais que cobrem partes do actual Irão.

⁴⁴ Sendo o primeiro mapa regional que leva o título *Persia Nova Tabula* o de Giacomo Gastaldi, de 1548 (Alai, *General Maps*, p. 38).

move, no tocante às direcções concretas tomadas pelo viajante, por uma escala comparável à dos mapas que conhecemos.

Constata-se assim uma desconexão entre a linguagem dos *Comentarios* e a dos mapas da Pérsia da mesma época. Só muito excepcionalmente o texto de Figueroa parece estar a referir-se directamente a um mapa, e mesmo nesses casos a ligação pode ser ilusória. Veja-se a título de exemplo este trecho, talvez o mais explícito de toda a obra na sua referência ao que poderia ser um mapa:

Desde que se salio del Bandel hasta legar á la çidad de Lara se traia el mar á la mano izquierda al principio, por espacio de poco menos de media legua á la vista, caminando, junto á la playa; mas despues, apartandose dél mas el camino, se uino á perder de vista [...] poco á poco los montes que inpedian poderse ver. De manera, que caminando todo este camino hasta Lara derechamente al Oeste ó Ocçidente Equinoçial, y corriendo por la mayor parte este mar del seno Persico Les Sueste Oes Noroeste, parece que no solo nos auiamos de apartar del lleuando la vista al Oeste, mas que auiamos de dar en él inpidiendonos el camino. Pero este golpho desde su mas estrecha boca que haze el cabo de Moçandan y la costa frontera del Mogastan, çerca de Ormuz, corre á Oes Sudueste, haziendo una grande ensenada por espacio de mas de çinquenta leguas hasta Niquilu, corriendo junto á la mesma costa la grande isla de Queyxome; despues rebuelue, como se ha dicho, lo mas del á Oes Noroeste hasta Baçora y la boca del rio Euphrates, quedando en medio de este seno, que es mucho mas largo que ancho, la fertil isla de Baharen, á quien Strabon y Plinio nonbran Tilos, famosa en todo el Oriente por la rriquissima pesqueria de sus perlas. Esta es la causa porque saliendo del Bandel con el mar á la mano izquierda, lo vamos despues perdiendo de vista, porque lleuando, como ya se a referido, el camino derechamente al Oeste, la costa de este golpho va corriendo á Oes Sudueste, de manera que en esta jornada que se va tratando nos iua el mar, aunque los montes inpedian su vista, á la mano izquierda poco mas ó menos de tres leguas apartado del camino.⁴⁵

E no entanto, mesmo neste caso não é de todo claro a que mapa Figueroa estaria a referir-se. O lugar de “Niquilu” não aparece em nenhum dos mapas anteriores a 1650 que rastreamos para o Golfo Pérsico.⁴⁶ Aparece sim nalguns textos (a começar pelo próprio Figueroa, livro VII, capítulo 9), e mais comumente como etnónimo (“os niquillus”), por exemplo no texto do *Livro das fortalezas* de António Bocarro,

⁴⁵ *Comentarios*, vol. I, pp. 280-281, no seguimento da saída de Ormuz a 19 de Outubro de 1617.

⁴⁶ A primeira menção cartográfica que conhecemos encontra-se num mapa italiano impresso de 1679, o que remete provavelmente para um mapa manuscrito anterior (Giacomo Cantelli da Vignola e Giacomo de Rossi, *Regno di Persia...* [Roma, 1679]). No entanto, a mais antiga referência cartográfica manuscrita que encontramos até agora é de 1688, numa carta anónima francesa, *Carte du Golphe de Perse*, aparentemente feita a bordo do navio *l'Oyseau*. O nome “Niquilu” deverá derivar da palavra árabe *nakhil* para “palmeiral” (agradecemos a Eric Vallet esta indicação).

outro autor que via com cepticismo os desenhos (neste caso topográficos), face à minúcia e precisão que a palavra escrita lhe permitia.⁴⁷ Ou Figueroa dispôs de um mapa do qual não existe nenhum exemplar nas coleções da actualidade, ou combinou dados provenientes de outras fontes, textuais e quiçá orais, procedendo depois a uma espécie de *cartografia escrita*, um conceito ao qual voltaremos mais adiante.

O que Figueroa fornecia era informação que não só nenhum mapa conhecido da região continha, como que nenhum mapa em geral podia conter. Um dos trechos que melhor ilustram a complexidade das fontes de Figueroa, a intensa interconexão entre saberes de origens várias transmitidos por via escrita e oral e impossíveis de pôr num desenho que não estivesse coberto de texto, vem no seguimento das considerações acima citadas:

Aquella mañana, antes de llegar al caravasar, se llegó á la litera en que iua el Enbaxador considerando entonces la dispusición de esta tierra, Jusepe Saluador, uno de los interpretes que uenian en su conpañia, de naçion armenio, pero muy pratico por auer estado muchas vezes en España y que auia andado en diuersos viages este camino, y sin ser preguntado de cosa alguna, sino como en otras ocasiones solía entretenerle contando le cosas de la Persia, le dixo como viniendo algunos años antes por aquel camino con el obispo de Çirene, auian llegado á ver una gran cortadura que se auia hecho en un monte de aquellos, una legua de alli hazia la mar, la qual obra, sigun la fama que entre los persianos auia, era antiquissima [...]. Y porque el armenio naturalmente era hablador y de buena gana dezia lo que sabia y auia oydo, pasó mas adelante con su cuento, diziendo que [se cortara] aquella sierra [...] por desalagar toda aquella tierra que estaua hecha un mar [...] y que ansi, por aquella boca que abrió en el monte toda el agua corrio al mar, dexando enxuto el suelo de muchas leguas. El Enbaxador que oyó cosa tan conforme á lo que venia considerando, aunque de persona tan vulgar, le preguntó á quien auia oido aquel cuento, y él respondió que en todo el reyno de Lara y de la Persia era cosa, aunque tan antigua, muy divulgada entre todos y muy sabida de tradiçion de padres á hijos [...].⁴⁸

Eram muitos os indivíduos que iam contando ao embaixador as suas experiências, memórias, saberes e opiniões. Estas eram ouvidas e postas em relação com a informação contida na biblioteca do viajante. Figueroa perguntava às pessoas que ia encontrando

⁴⁷ Bocarro refere em 1635 “os niquillus, vaçallos do Xá, árabes valentes, grandes homens do mar”, provavelmente com base num outro relato escrito anterior, talvez da época de Figueroa (António Bocarro, *Livro das Plantas de todas as fortalezas, cidades e povoações do Estado da Índia Oriental*, ed. Isabel Cid [3 vols., Lisboa, 1992], vol. II, p. 61). Sobre estes “niquillus”, etnónimo possivelmente derivado do topónimo no final do século XVI, ver Willem Floor, “Who were the Niquelus?”, in Couto & Loureiro (eds.), *Revisiting Hormuz*, pp. 89-105.

⁴⁸ *Comentarios*, vol. I, pp. 281-282.

los nonbres de las provinçias, ríos y çiudades de este imperio oriental, conforme a lo que sabia por la leçion de los autores antiguos y notiçia de relaçiones de estos tienpos [...].⁴⁹

Mas nunca, ao ilustrar os seus modos de recolha de informação, Figueroa se refere a mapas. Estamos em crer que estas e muitas outras passagens reflectem uma atitude de desconfiança da parte de Figueroa face à cartografia *stricto sensu*, atitude essa que deixou marcas profundas no texto. A impressão que fica é a de que o nosso autor achou preferível discursar sobre as posições de cidades, serras, vales e desertos uns em relação aos outros, sobre a direcção dos caminhos e dos rios, sem referência a mapas que, de resto, não continham a maior parte dos elementos observados na viagem. Este uso do texto sem recurso ao desenho está patente em contextos espacialmente limitados como o seguinte:

Y preguntando el Enbaxador á Jusepe Armenio, uno de los interpretes, si por alli corria alguna açequia de agua, respondió que era el rio Siuan que venia de muy lexos, y que desde tienpo inmemorial estaua hecha una gran mina que atraesava un monte que se uia frontero, por donde se daua paso á aquel rio de manera que pudiese regar aquellos canpos, y desde alli hasta el mar Persico adonde entrua casi enfrente de la isla de Baharen, auiedo sienpre lugares y canpos cultiuados por toda su corriente.⁵⁰

Mas é também visível, e de forma pujante, nos capítulos que compõem praticamente todo o livro sexto, onde se procede a uma complexa geografia histórica de toda a região hoje coberta pelo Irão, Iraque, e algumas zonas adjacentes. Aí, Figueroa convidaria o leitor a sobrevoar a Pérsia, a Ásia Central, a Arménia Maior e a Mesopotâmia até regressar ao Golfo Pérsico. O percurso, que cobre uma vasta área do globo numa lógica de macro-itinerário, permite uma viagem através do espaço, mas também do tempo. Não esqueçamos como esta última dimensão havia sido excluída da cartografia moderna, onde se verifica uma separação cada vez mais estrita entre mapas que mostram apenas o espaço no momento em que são feitos, e outros que incidem sobre momentos anteriores, mas em jeito de mero exercício de erudição.

É difícil imaginar que alguém pudesse estender-se por tantas páginas de descrição geográfica sem olhar para um ou vários mapas. Muitas passagens parecem sugerir que estamos perante uma composição que combina erudição histórica com uma transposição de um ou vários mapas para o texto escrito (curiosamente, a descrição do Mar Cáspio refere a mesma inclinação Noroeste-Sudeste que encontramos na tradição tardo-medieval acima referida, mas em nenhum dos mapas mais conhecidos da época moderna). No entanto, mesmo aqui Figueroa é implacável no seu calar da

⁴⁹ *Comentarios*, vol. II, p. 47.

⁵⁰ *Comentarios*, vol. I, p. 320.

cartografia, ancorando o seu texto noutros textos (fontes clássicas, relatos orais) sem nunca referir nenhum mapa:

Por auer sido esta çiudad de Casbin la ultima de las jornadas que el Embaxador hizo [...] es bien dar alguna notiçia de lo que alli se supo de las demas partes de este imperio que no se pudieron ver ni conoçer en el dicho viage, aunque sería muy ciega la tal notiçia com lo que solamente se pudo inquirir [...] de los hombres [...] si no nos aprouechasemos prinçipalmente de la lecçion de la antiguedad, que es la verdadera lumbre y conoçimiento de todo lo que se deve saber del mundo.⁵¹

Mas porquê tudo isto em Figueroa? É certo que o autor foi, no alto mar, um observador vivaz e interessado em acompanhar de perto as medições de latitude, as observações astronómicas e, de forma particularmente interessante, as discussões a bordo nos momentos em que ninguém sabia ao certo onde a embarcação se encontrava. No entanto, não é de todo claro como exactamente esta vontade de situar-se geograficamente se articulava, para Figueroa, com a consulta de mapas por oposição a outros dispositivos usados para a representação do espaço: roteiros, tabelas, outros textos, relatos orais. Figueroa era, é verdade, um observador crítico e perspicaz que dificilmente poderia não *conhecer* variados mapas disponíveis na sua época para o Atlântico, o Índico e algumas partes da Ásia. Tais mapas existiam em Madrid, em Lisboa, em Goa e provavelmente a bordo da sua nau. Porém, o que é crucial para o nosso efeito é que, vivendo numa época em que o conhecimento geográfico evoluía a passos largos, Figueroa olhava os mapas sem a fé incondicional que hoje tendemos a depositar neles. O seu cepticismo não era só o do letrado que confiava mais em descrições e tabelas do que em desenhos, como também do castelhano que via com reticências o saber dos cartógrafos (e pilotos) portugueses. Ao questionar-se sobre a relativa lentidão da progressão Oeste-Este da sua nau, por exemplo, Figueroa apontava a 12 de Agosto de 1614 que isto

se puede atribuir á una de dos cosas, si no lo causan entranbas: ó que el mouimiento diurno del primer mobil retarde la nauegaçion, como contrario á ella, ó lo que podria ser mas çierto, que uuiese mas camino, estando la India mas al Oriente, de lo que los Pilotos portugueses la ponen en sus cartas.⁵²

Se já ao referir “cartas” ou “cartas de marear” o tom de Figueroa é frequentemente crítico, quanto mais não o seria em relação aos mapas terrestres? É notável como, no capítulo I do livro sexto, o autor procede a uma crítica das (raras) medições de latitude efectuadas na Pérsia, explicando que a “pureza do ar” distorcia a leitura dos astros. São numerosas as passagens no texto de Dom Garcia que reflectem uma intensa preocupação com questões de geografia – aliás, muitos detalhes relativos a

⁵¹ *Comentarios*, vol. II, p. 155.

⁵² *Comentarios*, vol. I, p. 77.

outras áreas do conhecimento como a astronomia, a meteorologia, a fauna e a flora respondem directamente a preocupações de carácter geográfico. No entanto, está claro também que isto não acarretou um recurso sistemático a mapas nem a referências cartográficas *stricto sensu* nos *Comentarios*. Não é que Figueroa tenha sido um autor desinteressado das questões do espaço. Antes pelo contrário, tudo indica que considerava estas questões essenciais. Mas sentia que a escrita ultrapassava no seu alcance qualquer representação cartográfica tradicional para o interior da Ásia.

É assaz extraordinária a qualidade, a perspicácia e a abrangência da longa secção, acima referida, em que Figueroa procede, no livro sexto, a uma cartografia textual de vastas regiões da Ásia. Não podemos excluir que, ao preparar este capítulo, Figueroa tenha imaginado ou desenhado algum mapa no papel, ou que tenha consultado alguma obra como o *Theatrum* de Ortelius, onde se encontravam mapas contemporâneos ao lado de outros históricos. Mas o resultado, o produto acabado dos esforços de Figueroa, é um texto, não um desenho. E este texto, na forma como discute a geografia da Ásia, as latitudes da Pérsia e do Mar Cáspio, a posição de umas regiões ou reinos em relação a outros, as características geográficas de cada uma, e as referência que a tudo isto fazem outros autores, é mais completo do que qualquer mapa produzido nos séculos XVI ou XVII.

Escrever e descrever

Escrever era uma parte central da missão de Figueroa. Que essa tarefa lhe tenha sido imposta por ordem régia em adição ao labor diplomático, ou por si próprio em função das práticas discursivas do seu tempo e do seu contexto social, não o sabemos. Mas ao lermos as suas páginas, que as mais das vezes não se aventuram em grandes cartografias como a que acabamos de referir, o que vemos em primeiro lugar é o viajante preocupado com a documentação dos lugares vistos e com o seu próprio movimento através deles. Uma leitura cuidada dos *Comentarios*, e principalmente dos seus trechos relativos a cidades e paisagens, revela também rapidamente que este texto não é (ou não apenas) o produto de uma mente obcecada com a escrita *per se*, um grafomaniaco que não conseguia adormecer antes de colocar no papel as aventuras do dia que findava. O que Figueroa fazia enquanto percorria as ruas e capelas de Goa, as fortificações de Mascate, a ilha de Ormuz, os caminhos, as cidades e as cortes da Pérsia, era observar – observar minuciosa e sistematicamente aspectos que poderiam interessar não apenas ao leitor curioso, mas também a um aparelho administrativo profundamente interessado em conhecer os espaços que a Monarquia ocupava *através* da escrita. Embora a Pérsia fosse um império alheio, existia um interesse estratégico em conhecer os seus recursos tanto enquanto inimigo (com as tensões crescentes em torno de Ormuz) como aliado (na guerra contra os Otomanos). Importa portanto reformular a afirmação com que abrimos este parágrafo: Figueroa não tinha apenas como missão *escrever*, mas sim *descrever* o que via e pensava ser

de utilidade para os eruditos europeus e os burocratas da Espanha filipina. E fazia-o sem recurso a representações pictóricas ou cartográficas no sentido tradicional.

Não sabemos se Figueroa descrevia tudo o que via por ordens explícitas da Coroa, ou se apenas por considerar a tarefa útil e interessante, por querer ser lembrado como autor de uma obra-prima da literatura de viagens e da crítica das fontes clássicas (recorde-se como Pedro Barreto de Resende começou a trabalhar nas suas plantas de fortalezas antes mesmo de receber ordens para o fazer). Mas não há dúvida de que o ímpeto de descrever minuciosa e sistematicamente a face da terra, em correspondência com um espírito mais generalizado de relação geográfica, teve relevância para Figueroa. Só assim se explica a minúcia com que nos *Comentarios* nos surgem lugares como Mascate, Ormuz, Xiraz ou Isfão. Se a descrição de Goa é já umas das melhores e mais extensas que possuímos, a entrada de Figueroa no espaço que constituía o cerne da sua missão diplomática – isto é, o Médio Oriente – parece ter despoletado uma atenção ainda redobrada aos detalhes da paisagem, da arquitectura civil e militar, das igrejas e dos conventos, das muralhas erguidas pelos portugueses e do seu potencial na defesa das posições ocupadas pelo império.

O que vem imediatamente à memória ao lermos a descrição das fortificações de Mascate no primeiro capítulo do livro III (entrada de 20 de Abril de 1617) não é nem mais nem menos do que o aparato visual-textual dos livros de fortalezas produzidos uma a duas décadas mais tarde. Importa porém, também, reconhecer algumas diferenças entre os textos de Figueroa e Bocarro, que poderão lançar mais luz sobre as práticas descritivas do nosso autor. Note-se como Figueroa descreve Mascate e as suas fortificações seguindo o seu próprio percurso enquanto viajante a partir de um surgidouro situado a Leste-Sudeste da povoação, distinto do porto grande que geralmente se tomava, situado a Norte. As observações de Figueroa, extremamente minuciosas, seguem os caminhos que o próprio viajante percorreu (ou diz ter percorrido), primeiro da praia até à parte portuguesa da povoação, e depois subindo de ali para a fortaleza. É evidente que a descrição seria mais fácil de ler, a topografia de Mascate mais inteligível para um leitor que dispusesse também de uma representação pictórica. Mas, mais uma vez, não é de todo claro se Figueroa contava com que a descrição textual viesse acompanhada de um desenho. O que sim se nota é a ambição de dar uma imagem precisa, altamente elaborada, através do texto escrito e sem recurso necessário a outros meios de representação.

Se compararmos esta estratégia com a de Bocarro, notamos semelhanças mas também algumas diferenças importantes. O que conecta as duas descrições é a sua minúcia. Também Bocarro pôs toda a sua arte ao serviço de uma escrita que superava as imagens com que o texto era acompanhado (imagens essas com que se mostrava aliás pouco satisfeito). Mas as imagens, neste caso, existiam incontornavelmente e eram parte integrante da obra: haviam sido produzidas por Pedro Barreto de Resende – curiosamente, um homem que se embarcara para a Índia na mesma armada que

Figueroa⁵³ – fazendo com que Bocarro se visse forçado a operar em conjugação com elas. Criticava a sua qualidade, é certo, mas acreditava na capacidade descritiva das imagens, e acabou por usar a vista de Mascate, por mais distorcida que fosse, para estruturar o seu texto. As descrições de Bocarro, por mais que o autor se queixasse da qualidade dos *debuxos*, dialogam com eles. E, embora a *Discrípsão da Fortaleza de Mascate* também possa, em parte, ser vista como um texto-itinerário, escrito desde a perspectiva de um português que entrava na dita baía pelo caminho mais usual, a estratégia é distinta da de Figueroa. Bocarro abre a sua descrição com o posicionamento de Mascate (23° 40' N), uma referência à sua fundação em 1588⁵⁴ e uma espécie de vista topográfica geral:

Está esta fortaleza sita dentro numa emçeada ou bahia, como de planta se vê, que jas entre duas grandissimas serras [...]. Tem esta bahia na entrada, que demora ao sueste [um erro crasso, provavelmente baseado na contemplação do desenho de Resende, o qual não dá as direcções cardinais], largura de pouco menos de tiro de espingarda [outro erro da mesma índole] e, dentro, vai alargando [terceiro erro], como de planta se vê [...].⁵⁵

Nada disto se encontra em Figueroa. Embora também o seu texto permita ocasionalmente pequenos voos do olho imaginário do leitor, é quase sempre rápido em trazê-lo de volta à terra que pisam os pés do viajante. Assim acontece no caso de Mascate, e o mesmo esquema repete-se por toda a Pérsia. Por exemplo, no caso de Lara:

Es la çudad de Lara, cabeça de Carmania la desierta, antiquissima y de grande estimacion entre todos estos arabes; su sitio es en el fin de un gran llano, auiendose apartado los montes que sienpre an venido continuandose, tanto unos de otros, que dexan la canpañia llana y abierta por espacio de mas de tres leguas de ancho, boluiendose á juntar poco adelante la çudad y dexando un angosto puerto ó garganta de entre sí por donde va el camino que se lleua á Xiras. La grandeza de Lara es poco menos que la de Ormuz, aunque no de calles tan estrechas, ni de tan buena fábrica de casas, las quales son todas de tapia, enluzidas por de fuera de aquel barro y paja menuda, como se dixo de la fortaleza del Bandel; de manera, que á la vista exterior son pobrememente fabricadas.⁵⁶

⁵³ Pedro Barreto de Resende também saiu para a Índia na armada de Manuel Coutinho, em 1614. No entanto, a sua nau (a *Conceição*) teve de arribar no Brasil e acabou por regressar ao reino, de onde Resende só voltou a sair para o Oriente na armada do Conde de Linhares, em 1629 – depois de passar largos anos nas praças marroquinas (Inácio Guerreiro, “Ciência náutica e cartografia”, *Tesouros da Biblioteca Pública de Évora*, coord. João Ruas [Lisboa, 2005]).

⁵⁴ Mais correctamente, a fortaleza foi fundada em 1587.

⁵⁵ Bocarro, *Livro das Plantas*, vol. II, p. 44.

⁵⁶ *Comentarios*, vol. I, p. 290.

Ou aqui, no caso de Xiraz:

La puerta por donde se entró en la ciudad, que en persiano se dize *Daruaza Pasa*, que es lo mesmo que puerta de Pasargadas, era pequena, con unos pedaços de muralla de tapias, siendo las calles sin ningun lustre y con muy ruines casas, de manera que la ciudad, que antes auia toda junta dado de sí tan soberuia muestra, y de lexos hecho gran demostracion, parecio entonces de una pobre y miserable figura, como lo son todas las ciudades del Oriente.⁵⁷

É verdade que, muito ocasionalmente, encontramos trechos que abrangem espaços mais vastos do que aqueles que um viajante poderia ver na sua paisagem concreta. Um destes casos excepcionais é o seguinte, que se encontra já no final da descrição de Xiraz:

está situada en un gran llano y vega hermosissima, cercada al derredor de altos montes [...] al Oriente, á catorçe ó quinze leguas de distancia, tiene la ciudad de Pasa, que es la antigua Pasargadas, y mas adelante la prouincia de Cherman ó Carmania [...] al Occidente, las ciudades de Arabia, tan nonbradas en estos dias, de Oeza y Baçora; al Mediodia, parte de la mesma Arabia ó Carmania la desierta, hasta el seno Persico, y al Norte ó Septentrion, por el camino que se va á Spahan, la villa de Chilminara ó Margascan y rio Bradamiro. En su asiento, aunque sin tener rio notable cerca della, es muy semejante á la ciudad de Cordoua en la prouincia del Andaluzia en España, y casi de su mesma grandeza [...].⁵⁸

Mas as mais das vezes o autor dos *Comentarios* cinge-se a seguir no texto um percurso efectuado (ou pelo menos é essa a ilusão que cria) na realidade. Voltando a Mascate,

a 20, quiso el Enbaxador salir en tierra y oir misa, y ansi lo hizo á las siete de la mañana, dozientos pasos de donde se auia surgido en una poca de playa llana, de menos de quarenta pasos, entre dos altissimas rocas, no auiendo otra entrada sino aquella, desde la qual la mesma aspereza de peñas se iuan poco á poco ensanchando de anbas partes hasta dexar un poco de suelo por lo mas ancho, en que estaua fundado el lugar, de dozientos pasos y de quinientos ó seisçientos de largo, boluiendose al fin de esta distancia á juntar estas rocas en mucho mayor altura hasta dexar otra estrechura semejante á la del desembarcadero, pero muy áspera, y por donde muchos pasos se iua subiendo hasta deçendir y entrar en la tierra llana de Arabia.⁵⁹

⁵⁷ *Comentarios*, vol. I, p. 333.

⁵⁸ *Comentarios*, vol. I, p. 345.

⁵⁹ *Comentarios*, vol. I, pp. 231-232.

Não sabemos até que ponto Figueroa contava acompanhar o seu texto com desenhos para além daqueles, hoje conservados, de Persépolis – ou mapas, para além daquele de Goa.⁶⁰ Mas o que fica bem claro é que a sua própria escrita almejava – e, as mais das vezes, conseguia – suprir a necessidade de completar a informação textual com outra de índole visual, fornecendo descrições de grande qualidade. Tal constatação não se aplica apenas às fortificações, mas também a edifícios civis ou conjuntos urbanos, como por exemplo nesta breve, mas muito eficaz descrição de um caravan-sarai:

Es el carauasar de Guichi, con todos los demas hasta Lara, de diferente forma que los de alli adelante, por que es de la manera de un cruzero de iglesia, con quatro puertas; en las quatro partes del cruzero y en el çentro del un çinborrio, que es la mejor estancia, por entrar aire por todas partes, siendo éste menester en la mayor parte del año. Por defuera es quadrado y leuantado del suelo dos ó tres pies, porque no puedan en él entrar camellos ni otras bestias, y por todo alderredor queda un poyo que sirue de pe-sebres, y por donde se entra en el carauasar y en siete ó ocho aposentillos pequenos cuyas puertas salen al dicho poyo, y estos estan en los quatro angulos del cruzero, que como se a dicho, hazen todo el edificio quadrado por de fuera. Dentro, á donde por la comodidad del aire se está mas á lo fresco, no ay parte que no sea muy publica á todos [...].⁶¹

Se este trecho viesse acompanhado de um desenho (uma vista, uma planta) este mais não faria do que confirmar aquilo que o leitor seiscentista – certamente mais habituado a tais manobras do que nós – já poderia imaginar com base no texto. Dificilmente uma descrição verbal poderia ser mais concisa e precisa, mais eficaz na economia das palavras e na transmissão da geometria de um lugar, do que estas poucas linhas.

Temos portanto, em Figueroa, um autor cuja missão é descrever com minúcia o espaço através da palavra, mas sem seguir exactamente a mesma lógica cartográfica que encontramos em Bocarro ou, por exemplo, em João de Barros⁶² – embora aproximando-se de certos autores do Novo Mundo, nomeadamente Cortés ou Ercilla.⁶³ Na esmagadora maioria das instâncias, as referências que Figueroa faz ao espaço que

⁶⁰ Cf. Fernando Marías, “Don García de Silva y Figueroa y la percepción del Oriente: la ‘Descripción de Goa’”, *Anuario del Departamento de Historia y Teoría del Arte (UAM)*, XIV (2002), pp. 137-149.

⁶¹ *Comentarios*, vol. I, p. 276.

⁶² Zoltán Biedermann, “De regresso ao Quarto Império: A China de João de Barros e o imaginário imperial joanino”, in *D. João III e o Império: Actas do Congresso Internacional comemorativo do seu nascimento*, ed. Roberto Carneiro & Artur Teodoro de Matos (Lisboa, 2004), pp. 103-120.

⁶³ Ricardo Padrón, *The Spacious Word: Cartography, literature, and empire in early modern Spain* (Chicago & Londres, 2004), p. 230.

atravessa com a sua comitiva na Pérsia são de índole topográfica, e poder-se-ia dizer que se trata de *topografias textuais*. Uma leitura atenta revela que, mais do que descrições no estilo das *vedute* renascentistas construídas a partir de um ponto de vista elevado e abstracto, as topografias de Figueroa correspondem a vistas tiradas destes pontos de observação baixos, como panoramas ancorados na experiência visual concreta do autor, que só ocasionalmente, como que numa lógica secundária, permitem ao leitor voos imaginários sobre os lugares descritos. Normalmente o texto descreve as paisagens que os viajantes atravessaram ao longo do dia como se nunca parassem de observar enquanto caminhavam, detendo-se logo com mais vagar sobre certos lugares de interesse: um caravansarai, uma aldeia, um lugar particularmente agradável onde a caravana pausou, uma vila ou uma cidade. É o que se vê, por exemplo, nos seguintes trechos relativos ao Sul da Pérsia:

Traese el mar sienpre á la mano izquierda, no estando aun media legua distante deste caravasar; por el un lado y otro de este camino vienen grandes sierras peladas, sin ninguna señal de matas [...] y estas dexan un gran valle en medio, por donde se camina, siendo mas ancho ó menos sigun se açercan ó apartan las dichas sierras, hasta atraesar alguna otra que corta el camino, deçindiendo luego á dar en otro valle, y esto es no solo en la distancia de este camino, pero en todo el reyno de Lara y la Persia. Es toda esta tierra sequisima, sin auer en ella yerua ni arbol, fuera [...] algunas muy pequeñas matas de espinos, menores que las abolagas de España, aunque mas pungentes, siruiendo por la penuria de yerua de pasto para los camellos. Luego, como se dexa el Bandel, á donde ay pozos de agua dulce, falta del todo esta comodidad, no auiedo otra sino de la que se recoge llouediza en grandes çisternas que desde este carauasal de Guichi ay por todo el camino hasta Lara y Xiras [...]. De Guichi [...] salio la carauana poco despues de media noche con gran calor, hallando la mesma dispusiçion de las sierras, arbolillos y matas de espinos que el dia de atras, pero ponía mucha admiracion ver en tierra tan esteril y seca la innumerable cantidad de perdizes que en ella auia [...].⁶⁴

Depois desta caminhada, a comitiva chega a *Cabrestan*:

Está asentado este pequeño lugar de Cabrestan en un gran llano que dexan las sierras, apartandose aqui mas de una legua, y por particular dispusiçion de la tierra se hallan aqui algunos pozos, aunque de agua medio salobre, pero que sacandose con norias basta á rregar y fertilizar mucha parte de aquel llano, teniendo los moradores sus sementeras de çeuada y otras legumbres [...]. Ay tambien, con el beneficio del agua, muchos de los arboles con espinas que se auian hallado antes por el camino, aunque con mas hoja y sonbra [...].⁶⁵

Conforme indicámos acima, um dos aspectos interessantes de tais passagens é que fornecem imagens muito densas de lugares concretos sem construir para o leitor-observador um ponto de vista imaginário outro que o olho do próprio autor. O segundo aspecto a reter é a ambiguidade inerente a tais trechos com vista à função do saber por eles veiculado. Por um lado, temos uma prosa que descreve os mais variados aspectos da topografia, geologia, hidrografia, flora, fauna e geografia humana das paisagens que o viajante atravessa, permitindo ao leitor acompanhar de perto a comitiva e efectuar uma viagem imaginária ao longo do percurso traçado por Figueroa, prestando atenção a tudo o que poderia parecer curioso e digno de uma atenção materialmente desinteressada. Por outro lado, porém, não deixa de ser notável como o autor nunca deixa de referir dados potencialmente úteis do ponto de vista militar, tanto com vista a uma hipotética – embora improvável – invasão dos territórios descritos, como para fornecer uma ideia do aspecto e do valor das terras safavidas: o mesmo caminho que uma expedição ibérica percorreria de Ormuz para Tabriz teria de ser percorrido por um exército persa no sentido inverso, para a conquista daquela praça. Neste sentido, tudo o que lemos não só sobre cidades e fortificações,⁶⁶ mas também sobre a qualidade dos caminhos, as encostas que os ladeiam, os poços e as noras de água, os pastos e a caça, a qualidade dos solos e o clima, surge como informação estratégica, e portanto informação que, em Madrid, seria lida com atenção não só por gente interessada no lado pitoresco (e algumas raras vezes sublime) da realidade persa. Quiçá estas intenções do autor se coadunassem, dentro das práticas de escrita e de leitura do seu tempo, particularmente bem com as estratégias textuais que acabamos de descrever.

Conclusão

À questão formulada no título do presente ensaio, estamos inclinados a responder que Figueroa era, efectivamente, não só um viajante mas também um autor que evitava recorrer a mapas. À primeira vista, isso parece aproximá-los de muitos outros autores ibéricos dos séculos XVI e XVII que, por constrangimentos técnicos ou por apego às potencialidades da escrita, descreviam as paisagens e as regiões da Ásia sem recurso a desenhos, gravuras ou mapas. O que Figueroa almejava era um saber topográfico e geográfico que se exprimia melhor pela palavra do que pela imagem. Como tantos outros autores da sua época, Figueroa acreditava no poder da palavra escrita e na sua capacidade de representar sem outros recursos os fenómenos mais complexos da geografia do planeta. No entanto, dentro da categoria dos autores cujos textos não eram acompanhados de tais artefactos, devemos distinguir entre, por um lado, alguns que se referiam a mapas fisicamente anexados ao seu texto (como Bocarro) ou que invocavam mapas existentes noutros lugares, como que recriando as

⁶⁴ *Comentarios*, vol. I, pp. 274-277.

⁶⁵ *Comentarios*, vol. I, p. 278.

⁶⁶ Veja-se por exemplo a entrada de 30 de Outubro de 1617, no livro IV, cap. ii (*Comentarios*, vol. I, pp. 295-298).

suas formas através da palavra (como Barros). E, por outro lado, os que ignoram essa tentação, movendo-se pelo mundo sem recurso ao novo tipo de mapas que iam surgindo, como que imunes ao *modus* cartográfico baseado no espaço euclidiano que ia permeando a cultura ocidental.⁶⁷ Pode parecer um tanto surpreendente, talvez, constatar que Figueroa, emissário de uma coroa que tão veementemente investira na prática da cartografia como meio de consolidação imperial, se encontrasse nesta segunda categoria. Mas o texto que nos deixou indica claramente que era esta a sua inclinação, e é talvez possível argumentar, com Barbara Mundy, que a representação do espaço segundo a lógica do itinerário corresponde à importância que o acto de viajar tinha para oficiais da coroa mesmo em territórios conquistados como a Nova Espanha.⁶⁸ É importante adicionar que a escolha de Figueroa não constitui uma falha, uma ausência de método. Corresponde sim a uma forma de representar o espaço largamente praticada na sua época.⁶⁹

É notável quão solidamente Figueroa assenta a sua Pérsia sobre esta noção concreta do espaço enquanto ambiente vivido e não abstracto. Mesmo quando chega a Isfão por um caminho de montanha que poderia ter fornecido o pretexto perfeito para esboçar uma vista aérea da urbe em todo o seu esplendor, Figueroa optou por fazê-la surgir timidamente no horizonte, erguendo as suas torres atrás dos campos férteis que, em primeiro plano, ocuparam o campo de vista dos viajantes. O que vemos é um panorama reminescente de muitas pinturas neerlandesas de cidades, onde os objectos colocados em primeiro plano ultrapassam em tamanho os mais altos campanários:

Acabadas de andar todas aquellas baxas collinas, se descubrio una anchissima vega que ocupaua muchas leguas alderredor, con grandissimo número de huertas y jardines, que aunque de parte eminente, ocupauan la vista á la çudad, no pareçiendose más de alguna parte de los alcoranes de las mezquitas.⁷⁰

O autor dos *Comentarios* não deixou que os seus olhos voassem. Preferiu fazê-los descer, e com eles os olhos imaginários dos seus leitores, à face da terra, aos desertos e às várzeas, ao calor dos vales e ao consolo de uma sombra, ao vento e à luz dos caminhos da Pérsia. Isto ao mesmo tempo que insistia na nobreza de toda a sua empresa, no significado universal das experiências que ia fazendo. Uma última passagem vem ilustrar a sua atitude à perfeição:

⁶⁷ Sobre esta questão complexa, uma das melhores reflexões é a de Ricardo Padrón, *The Spacious Word*, pp. 45-63.

⁶⁸ Barbara Mundy, *The Mapping of New Spain: Indigenous Cartography and the Maps of the Relaciones Geográficas* (Chicago / Londres, 1996), pp. 35-38.

⁶⁹ Padrón, *The Spacious Word*, p. 79.

⁷⁰ *Comentarios*, vol. II, pp. 18-19.

En medio de aqueste ameno bosque y pequeña poblacion ay una mezquita, que aunque no es muy grande, pero de hermosa laor, y que su mucha antiguedad no a podido acabarla, estando aun por muchas partes dorada, y el suelo della enlosado y por mas veneracion cubierto de muy finas esteras. En medio della, que está muy clara con verdieras por lo alto, ay vna sepultura leuantada tres pies del pauimento, de piedra, con muchas lauores, y ençima mucha cantidad de libros escritos en arabigo, algunos dellos viejissimos y desenquadrados, mas que se podian muy bien leer. Y preguntado á un deruis morador de aquella mezquita si sabia qué contenian aquellos libros, dixo que algunos eran exposiciones sobre su Alcoran y los demas milagros y obras de aquel gran sancto que alli estaua enterrado mas auia de seisçientos años, siendo la mezquita mucho mas antigua. A su entrada auia un patio tambien enlosado, con un estanque en medio, y á un lado dos ó tres grandissimos y gruesos çipreses, que fueron los primeros que vimos en Asia, y uno que estaua fuera junto á la puerta del patio, lo era tanto, que no alcançauan con los braços á rrodeallo dos hombres juntos. No se halla memoria de que en toda Africa ni en otra parte de Asia aya lugar con el nonbre da Çafhra, sino este, que por su mucha antiguedad y nobleza de la Persia, aunque pequeño, podemos tener por çierto saliese alguno de los que en España fundaron á Çafhra de Estremadura [...].⁷¹

Aqui temos um pequeno quadro pitoresco da Pérsia, um *locus amoenus* contendo um Islão domesticado e quase familiar, um edifício finamente lavrado situado entre ciprestes formosos, um homem sábio falando de livros que, não fosse o detalhe de estarem escritos num idioma que Figueroa não dominava, se lhe ofereciam abertos e sem rodeios como em tantas outras passagens dos *Comentarios* os figos, as tâmaras e os melões. Um lugar com o nome da terra do viajante, no qual este penetra serenamente com os pés firmemente assentes no chão, onde é acolhido sem hostilidade, e onde as páginas de livros abertos por séculos de uma história essencialmente comum à Hispania, à Pérsia e a toda a *oikoumene* se lhe apresentam quais espelhos interiores dos *Comentarios* que os viriam a albergar, exemplares de uma mesma coisa: uma escrita que era a chave do mundo, porque na infinita versatilidade que era a sua essência, fora criada para o conter.

⁷¹ *Comentarios*, vol. I, p. 322.